

Contos (En)Cantos de Tucuruí: Histórias de Encantamentos e Assombrações ¹

Renata Gobatti Calça ²

Resumo:

Este estudo apresenta uma análise de aproximadamente 40 contos de assombração e encantamento narrados por quatro moradores de Tucuruí. A presença dos entes sobrenaturais é uma constante, sendo a Cobra Grande, o Boto, a Anhangá e o Dourado (espécie de Lobisomem) os mais citados. A pesquisa de campo possibilitou afirmar que narrar histórias ainda é uma prática presente e viva na sociedade, e seus temas de encantamentos e assombrações permanecem no repertório de muitas pessoas que se consideram testemunhas da existência do sobrenatural, deixando-se influenciar por ele.

Palavras-chaves: Folclore, Literatura Oral, Assombração, Sobrenatural, Folkcomunicação.

Abstract:

This study shows a analysis of about 40 stories about fantastic told by four Tucuruí residents. The most mentioned folk story characters are the Big Snake, the Dolphin, the Anhangá and Dourado (a species of Werewolf). The field research helped reinforce the statement that the practice of telling fantastic stories about spells and haunts is still present and alive among the people and that many of these people consider themselves witnesses of the existence of supernatural events and entities, and which they allow to influence them in their daily decisions.

Keywords: Folklore, Oral Literature, Fantastic, Supernatural, Folkcommunication.

Apresentação

Ouvir as narrativas e conhecer quais os entes responsáveis pelo medo popular, motivado pelo assombro e encantamento sobrenatural, foi uma forma de ir em busca de seus narradores; como estes contos estão preservados na memória coletiva dos moradores de Tucuruí³; como são transmitidos; que mensagens expressam; e quais seriam os seres mais citados, arraigados não só no imaginário, mas revelados no cotidiano do ambiente que compõem e também é composto por eles.

¹ Pesquisa apresentada como requisito final para a obtenção de titulação de Especialista em Literatura e Suas Interfaces, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), orientada pela professora Ms. Renilda Rodrigues Bastos.

² Formada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Bauru; e especialista (*Lato Sensu*) em Literatura e Suas Interfaces pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), em Belém. E-mail: renatagobatti@yahoo.com.br

A constatação da suspeita de que a Literatura Oral ainda permanece viva e fazendo parte do repertório de tantos tucuruenses, natos ou adotados pela cidade, não foi exatamente uma surpresa, mas certamente uma experiência agradável. Já o encontro destas histórias oralizadas e misturadas a conselhos, valores, gestos e olhares só contribui para lembrarmos que o saber não está limitado aos livros. Está também ao alcance das comunidades, pronto para o uso prático e embalado pelo maravilhoso – mesmo quando se encontram à margem dos meios de comunicações massivos.

Para trilhar o caminho desta pesquisa, pegamos atalhos através de obras e pensamentos de Câmara Cascudo, Ecléa Bosi, Luiz Beltrão, Walter Benjamin, José Marques de Melo, François Laplantine, Américo Pellegrini Filho e Edvino Rabuske, entre tantos outros, permitindo-nos avanços a partir da soma de conhecimentos a respeito do assunto. O registro das narrativas, gravadas por equipamentos eletrônicos, e as transcrições das histórias coligidas através do método da História Oral, possibilitou o contato com estas produções culturais dinâmicas.

Seguimos nosso trabalho, então, como um pescador que em sua canoa segue viagem pelas águas amazônicas, sugerindo a descoberta da nascente deste rio caudaloso cercado do verde das matas e cheio de braços e mistérios, oferecendo apenas uma das múltiplas imagens a serem contempladas em seu caminho, encerrado em um mergulho neste universo mítico e mágico dominado por deuses do bem e do mal, que se revelam e se comunicam com os mortais alimentando suas crenças e seu viver.

Um olhar folkcomunicacional

Praticamente todos os produtos folclóricos, incluindo aí a literatura oral, podem ser estudados sob a ótica da Folkcomunicação, disciplina das Ciências da Comunicação criada por Luiz Beltrão na segunda metade do século XX. Aliás, a literatura oral talvez represente o mais popular e antigo dos “meios de comunicação” existentes.

José Marques de Melo⁴ afirma que a Folkcomunicação constitui uma disciplina científica dedicada ao estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias, tendo seu objeto situado na fronteira entre o Folclore (resgate e

³ Município localizado no sudeste do Estado do Pará.

interpretação da cultura popular) e a Comunicação de Massa (difusão industrial de símbolos por meios mecânicos ou eletrônicos destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas). Já Luyten oferece a seguinte definição:

Em termos gerais, pode-se dizer que folkcomunicação é a comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Mais precisamente: Folkcomunicação é a comunicação através do folclore. (apud: BELTRÃO, 2004, p. 14)

Para Beltrão, as manifestações populares, meios de expressão do povo, tinham tanta importância comunicacional quanto qualquer outra notícia difundida pelo *mass media*. Por isso, recorreu ao arsenal metodológico já atestado nos estudos das manifestações convencionais dos meios de comunicação de massa (*mass-journalism*) transportando-o para a análise das expressões daquilo que sugeria como integrantes do *folk-journalism*. Ele constatou que “os processos modernos de comunicação massiva coexistiam (...) com fenômenos de comunicação pré-modernas”⁵, trazidas pelos colonizadores portugueses e incorporadas no território brasileiro.

Sendo assim, os narradores representam os agentes folclóricos, líderes de opinião, viventes de uma sociedade contemporânea marcada pela heterogeneidade de cultura, diferença de origens étnicas e pela própria distância social e espacial. Mas, ainda assim, unida pela natureza humana, vinculada a uma ordem semelhante de idéias e a um propósito comum:

adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade. Sabedoria e experiência, sobrevivência e aperfeiçoamento que só se consegue mediante a comunicação, o processo mínimo, verbal e gráfico pelo qual os seres humanos intercambiam sentimentos, informações e idéias. (BELTRÃO, 2004, p. 28)

Por conta do crescimento demográfico e complexidade das sociedades modernas, o diálogo direto tornou-se limitado, lento, surgindo então o ambiente ideal para a criação e propagação dos meios de comunicação de massa, veículo de grande influência em todas as esferas sociais. Mas esta inovação não impediu que as técnicas de comunicação

⁴ Apud: BELTRÃO, 2004, p. 11

rudimentares continuassem a existir e a resistir ao domínio ideológico das classes detentoras do *mass-media*.

E mais eficazes que estes no meio popular, continuam em destaque os “líderes de opinião”, ou agentes folk, personagens quase sempre de mesmo nível social e de franco convívio com aqueles que se deixam influenciar. Conhecedores do mundo, eles têm acesso a informações relevantes e privilegiadas provenientes de fora do seu circuito imediato. Ou seja, recebem e decodificam as mensagens (inclusive dos meios de massa), transmitindo-as em segunda mão ao grupo com o qual se identificam. Assim, por ligarem a comunidade com o mundo externo e representarem o papel de “intérpretes” dessas realidades e da linguagem usada pelos meios de comunicação de massa para o grupo de sua influência, passaram a gozar de grande prestígio, antes conferido aos anciãos.

Ou seja, os líderes de opinião, com sua capacidade não apenas de traduzir a linguagem, mas de utilizar argumentos que sensibilizam as formas pré-lógicas que caracterizam o pensamento e ditam a conduta desses grupos sociais marginalizados, tornam as informações compreensíveis para seu público: “surdo às mensagens jornalísticas convencionais”, mas crente nas formas de manifestação da comunicação popular. Estas, amplamente influenciadas pelas novidades dos agentes-comunicadores, que colaboram para a atualização, reinterpretação e readaptação dos modos de pensar e agir desta massa.

Beltrão, buscando entender o processo comunicacional entre a população marginalizada, percebeu que os costumes e práticas vindas dos antepassados longínquos no tempo e no espaço se mantiveram muitas vezes disfarçados pelo sincretismo cultural e religioso. E o que nessas manifestações espontâneas parecia para alguns observadores ou românticos estudiosos um “agregado de disparatos” ou “desenfados populares” era, na verdade, desabafo e explosão que se revestiam “de atualidades e não de memória”⁶ – motivados pelas pressões da vida social.

Edson Carneiro teria pesquisado que os

meios de comunicação que haviam servido em épocas imemoriais e que haviam sido abandonados ou haviam evoluído para uma forma de utilização sofisticada pelos que detinham a posse oficial dos instrumentos de informação pública – continuavam, como então, a prestar-se à veiculação das mensagens populares. (Apud: BELTRÃO, 2004, p. 45)

⁵ Apud: BELTRÃO, 2004, p. 16

⁶ BELTRÃO, 2004, p. 45

Ao citarem a poesia dos jograis medievais, a poranduba⁷ dos indígenas, parlendas dos mascates, o repente e o encantamento das histórias e lendas, transmitiam através de seu simbolismo as normas sociais de condutas. Em outras palavras: em grande parte utilizavam a Literatura Oral para isso. Assim, Beltrão define a Folkcomunicação como:

processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, por intermédio de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. (BELTRÃO, 2004, p. 47)

Esta esfera onde a Folkcomunicação se verifica, congrega significativas camadas da sociedade (rural ou urbana), consideradas alienadas – marginalizadas intelectual, econômica, social e/ou geograficamente do processo de desenvolvimento divulgado pelos meios de comunicação de massa e pré-determinado pelas classes abastadas. Por isso, recorrem a seus meios *folk* para a expressão de idéias, informações e anseios próprios: folhetos de cordel, contos, danças, autos populares, cerâmicas, etc, utilizando linguagens⁸ verbais e não-verbais, estando as duas impregnadas de significações.

Na ótica da comunicação cultural e da Semiologia “as linguagens humanas se traduzem no discurso, ou seja, qualquer configuração de signos utilizados na emissão de mensagens simbólicas” podem ser percebida pelos cinco sentidos sensoriais. Isto porque o discurso folclórico não abrange apenas as palavras, mas comportamentos, expressões, mitos e ritos que assumem atuais e novos significados, graças à sua dinâmica e renovação constante de seus meios de expressão (a folkcomunicação).

Quem conta um conto?

1) Gervásio Campos Barroso, conhecido como Gê Campos, é músico. Tinha 47 anos quando foi entrevistado (novembro de 2005), tendo nascido em Cametá, município com o qual ainda mantém bastante contato, viajando sempre para essa localidade em visita a parentes e conhecidos. Chegou em Tucuruí ainda em sua juventude, há 30 anos,

⁷ CASCUDO, 1984, p. 79 – “É a Poranduba, a Moranduba, expressão oral da odisséia indígena, o resumo fiel do que se fez, ouviu e viu nas horas distantes do acampamento familiar”.

⁸ BELTRÃO, 2004, p. 71 – “Linguagem – qualquer sistema de signos empregados pelos seres vivos do reino animal para a expressão e/ou intercâmbio de informações”.

primeiramente morando no bairro da Matinha, hoje no Mangal, com sua família. A escolha dele como um dos narradores foi feita pela própria autora da monografia, que já conhecia parte de seu repertório oral a respeito de seres sobrenaturais.

2) Domingo Sousa do Carmo é concunhado de Gê Campo, que o indicou à pesquisadora, identificando-o como uma testemunha da existência da Anhangá. Tinha 65 anos na época da entrevista (dezembro de 2005), chegando de Mocajuba a Tucuruí em 1959, com 19 anos. Também tem muitas lembranças de sua terra natal. Atualmente é aposentado e mora no bairro São Francisco, na rua Óbitos, junto da família.

3) Maria Rita dos Anjos Ferreira, mais conhecida como dona Marita, tinha 78 anos na data da entrevista (fevereiro de 2006). Em Afuá onde nasceu, perdeu dois irmãos que teriam sido encantados pela Cobra Grande. Há 60 anos mudou-se para Tucuruí, onde sempre morou no bairro da Jaqueira, mas passando por diferentes casas. Ainda hoje trabalha como doceira, quituteira, boleira e artesã de flores artificiais, ofícios que aprendeu observando outras mulheres em atividade. Afirma que foi a primeira a confeccionar coroas fúnebres para os velórios da cidade. Teve sete filhos, como sua mãe (que morreu de parto), sendo que apenas o primogênito nasceu no hospital. Os demais foram tidos em casa, sem ajuda de ninguém. É casada e mora com alguns filhos e netos. Considera-se católica, mas demonstra grande simpatia pelos ritos da pajelança e outras práticas que invocam poderes sobrenaturais. Ela foi indicada por Socorro Pompeu⁹.

4) Raimunda Souza Barbosa completou 80 anos em fevereiro de 2006, um pouco antes de ser entrevistada. Dos quatro colaboradores da pesquisa, foi a primeira a chegar em Tucuruí, com 3 anos de idade, vinda do Rio Grande do Norte com os pais, atraídos ao município paraense pelo emprego na Estrada de Ferro Tocantins. Mas diferente dos demais, viveu em diversas cidades e Estados. Sua trajetória foi resumidamente esta: Tucuruí (morava perto da Feira Municipal), Belém, Tucuruí (av. Santo Antonio, perto das Escadarias e Jd. Paraíso), Belém, Castanhal, Tucuruí (rua da Bica e Colinas), Goiânia, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Bahia, Minas Gerais, Brasília e, finalmente Tucuruí (onde vive atualmente na casa de sua filha, no bairro da Jaqueira). Ela se considera a primeira evangélica da cidade. Dona Raimunda foi apontada como conhecedora das

⁹ Socorro Pompeu é presidente desta entidade e coordenou um trabalho junto a alguns alunos da Escola Estadual de Ensino Médio “Raimundo Ribeiro de Sousa”, que coligiram narrativas sobre visagens e assombrações de Tucuruí em 2004, gravando um CD artesanalmente com sete contos.

histórias sobre Dourado pela sobrinha-neta Teonila Lemos e sobrinha-bisneta Ionara Lemos.

Cada colaborador contou cerca de onze histórias. Nem sempre os temas “encantamento e assombração” foram preservados ao longo de suas narrativas, o que é comum na oralidade espontânea de onde se cria e recria a Literatura Oral. As interrupções, quando ocorreram, foram preenchidas com conselhos, histórias da vida privada, explicações a respeito dos fenômenos sobrenaturais, de costumes, explanação sobre atividade profissional ou outros assuntos. Algumas vezes provocadas pelas perguntas da entrevistadora, outras, por iniciativa dos próprios narradores.

Gê Campos narrou doze histórias e comentários, sendo: 1) A Cobra Noratinho em Cameté; 2) a Cobra Grande de Tucuruí; 1) novamente sobre a Cobra Noratinho em Cameté; 3) a Cobra Grande de Mocajuba; 4) o Boto da Mangueira; 5) o Encantamento do Boto, em Tucuruí (ocorrido com seu sobrinho); 6) o Rapaz Encantado pelo Boto; 7) Sabedoria dos Ribeirinhos; 8) o Contrato da Mãe com o Caboclo; 9) o Boto Malina; 10) Cobra Grande Perigosa; 11) a Cobra Grande da Pedranheira; e 12) Histórias “Mentirosas” de final de ano. Aqui a predominância é clara: Cobra Grande e Boto.

Seu Domingo narrou cinco e ouviu outros cinco episódios de Gê Campos, que acompanhou a entrevistadora na data da entrevista. Na seqüência, temos: 1) a Anhangá e seus costumes; 2) Chincoã do mato; 1) novamente a Anhangá e seus costumes; 3) o Boto perseguidor de canoa (Gê); 4) Olho de Boto (Gê); 5) a Vingança dos Botos (Gê); 6) Anhangá do Ararã; 7) a Vingança da Anhangá derrubada (Gê); 1) nova explicação sobre Anhangá; 8) Anhangá x Curupira x Mãe do Mato (características); 9) o Boto e o Vendedor de Farinha; 10) Boto Namorador (Gê). O que se observa é uma preferência temática no ente Anhangá (6 destes momentos), por parte de seu Domingo, inclusive com explicações de suas características e atitudes, o que foi também intencional por parte da pesquisadora. O outro ente a dividir as narrativas foi o Boto, predominante nas narrativas de Gê Campos, mas também conhecido por seu Domingo, como se observa no 9º conto.

A participação de parentes na entrevista facilitou a conversa com seu Domingo que aparentemente se mostrou mais tímido, além de ter tornado menos artificial o registro destas histórias por se aproximar da tradicional “roda de conversa”, ambiente normal para a

troca de narrativas orais. O simples fato de “marcar” dia e hora e aparecer com um gravador ou filmadora tira a espontaneidade natural da atividade.

Dona Marita foi a que mais variou os assuntos das narrativas, apresentando vários entes e situações sobrenaturais, totalizando treze histórias: 1) os Irmãos Encantados pela Cobra Grande; 2) a tentativa de novo encantamento na família; 3) o chamado do tio pelos Sobrinhos Encantados; 4) novamente os Irmãos Encantados; 5) Perdidos no mato; 6) a mulher que engravidou do Boto; 7) Visagens de Alcobaça - Dourado; 8) o Porcão da Noite; 9) prevenção para não se perder no mato; 10) Sexta-Feira Santa; 11) versão da Moça do Táxi de Belém; 12) milagre recebido; 13) a morte da irmã apaixonada pela avó; 14) a Rosa Enfeitiçada; e 15) o Copo Trocado. Entre estes, a “magia” manipulada por pessoas que recorrem ao poder sobrenatural para enfeitiçar e até matar outras pessoas é um tema forte.

Ao contrário de dona Marita, dona Raimunda é a que mais manteve a constância no motivo. Dos dez episódios contados, sete se referem a um ex-vizinho identificado como Dourado, que passa por um processo de Licantropia¹⁰, assustando os moradores da cidade. Na ordem, temos: 1) o Dourado e o pé de tamarindo; 2) Dourado x Piupiu; 3) Dourado x Raimunda na roça; 4) Dourado na vacaria de seu Mesquita; 5) Dourado: costumes, características e a partida para Belém; 6) Cobra Grande da Pedranheira; 7) a Fantasma do Cemitério; 8) Dourado sumiu!; 9) maldição de mãe; e 10) novamente costumes de Dourado.

Num quadro geral, pode ser observado que algumas histórias foram lembradas por mais de um narrador, como ocorre com a Cobra Grande de Pedranheira (que apresenta muitas características semelhantes entre a história de dona Raimunda e a de Gê Campos). Já a história de Dourado, detalhada e dividida em vários episódios por dona Raimunda, também é citada por dona Marita, que de forma breve afirma acreditar na veracidade da história apesar de alegar nunca tê-lo visto, descrevendo características físicas bem diferentes desse mesmo ser. Em três das quatro entrevistas, a Cobra Grande ganhou destaque, sendo mencionada até seis vezes por Gê Campos e ignorada por seu Domingo. O Boto também foi citado pela maioria, ficando de fora apenas do repertório de dona Raimunda, e sendo o recordista também na preferência de Gê Campos.

Calculando as porcentagens de citações, segundo a entidade sobrenatural predominante, temos: 25% sobre Cobra Grande; 20,45% sobre Boto; 18,18% sobre

¹⁰ Transformação de homem em animal em determinados períodos.

Dourado e 13,63% sobre Anhangá, que pode chegar a *20,45% se considerarmos que as histórias narradas por dona Marita (4: Perdidos no mato e prevenção para não se perder no mato; e 8: Sexta-Feira Santa), foram protagonizadas por uma entidade sobrenatural com poderes semelhantes à Anhangá. Nas demais, 22,74% (ou 15,92%*, no caso da última consideração feita), estariam incluídos costumes, feitiços, pajelanças, fantasmas, pássaros, milagres e outras visagens. Estes dados não são suficientes para afirmações a respeito de quais histórias e entes sobre-humanos predominam no imaginário e na oralidade espontânea popular em Tucuruí, já que a pesquisa foi qualitativa, mas demonstra a representatividade deste pequeno grupo, dando uma idéia da variedade de episódios envolvendo estes e outros seres sobrenaturais.

Mergulhando nas narrativas

As narrativas, também chamadas contos, “causos”, histórias e até lendas por alguns dos narradores, são relatos produzidos pelo povo e transmitidos pela linguagem oral:

“De boto, de cobra... sabe contar muita coisa! *História*, mesmo, que é verdadeira mesmo, que acontece!” / “Muita *lenda* aí! Mamãe que conta... e papai contava...” (Gê Campos)

Elas têm reflexos na psicologia coletiva, documentando fatos da sobrevivência, de valores morais, de usos e costumes.

“O bom é difícil aparecer, mas o ruim...” (Dona Marita)

“Meu marido foi... – neste tempo ele era safado, ainda não era crente – foi no Escorre Água, um lugar que era o puteiro dele lá...” (Dona Raimunda)

“Água parada... aí a gente via aquele rolo, sabe? Aquela rolo flutuando... a gente já sabia que era a cobra. Aí, não passava lá por perto, não! Já sabia que, que era a cobra mau.” (Gê Campos)

E até justificando hábitos difíceis de serem respeitados, como a proibição de tomar banho no rio, já que o contato com essas águas é quase inevitável na região amazônica.

“Aí quando cheguei ela falou: ‘Só tem uma coisa, nenhum desses meninos toma banho na beira do rio. Eu não vou deixar porque eu

nunca que me esqueci daquilo que aconteceu'. Não tomavam banho de jeito nenhum.” (Dona Marita)

“Por isso que eu nunca deixo eles banharem por aí sozinhos, né? Porque ali o adulto tá prestando atenção nas coisas, né? Às vezes as criança não tá nem aí, tão banhando, não tão prestando atenção em nada...” (Gê Campos)

Suas histórias são consideradas verídicas pelos seus narradores, tendo estes afirmado, muitas vezes, serem testemunhas da existência de fenômenos sobrenaturais:

“Olha, mana, *sem mentira* nenhuma...” (Dona Marita)

“...que eu abri a janela, tinha um homem em pé no pé de tamarindo e este homem cresceu, foi crescendo, foi crescendo que passou do pé de tamarindo.” (Dona Raimunda)

“Olha, essa história foi uma história *verídica* mesmo, né?” (Gê Campos)

A busca pela credibilidade muitas vezes vem associada à citação da existência de outras testemunhas do mesmo episódio, sendo vizinhos, moradores, autoridades, parentes, pescadores, ou ainda, com a citação de nomes de pessoas por parte dos narradores, sempre dispostos a informar onde encontrá-las quando ainda vivas. E das interferências dos entes sobrenaturais no mundo “real”, sempre restam “provas” de seus feitos, conseqüências que em geral são maléficas para os humanos.

“Aí foi com três anos, aí o menino caiu da mão dela e o menino desapareceu! Entendeu? E até hoje...” (Gê Campos)

“Francisco e Pedro. Todos os dois foram encantados. Todos os dois sumiram de dentro de casa. A gente diz que foram encantados porque nunca foi encontrados os corpos deles. Nunca!” (Dona Marita)

“... as meninas ficou apavorada dela, da filha. Ninguém... O jeito foi ele ir embora de Tucuruí.” (Dona Raimunda)

Mas, às vezes, os seres encantados também praticam o bem:

“Eu acho que ele era do *bem*, né? porque ele fazia... fazia certo, né? Fazia *benefício* pro pessoal lá, dava... dava remédio para quem tava doente... Curou, curou... curou um bucado de gente! Ainda cura!” (Gê Campos)

“A Anhangá ninguém vê. Se ela vai a caça com a gente, tinha que conversar com ela, e deixar uns pedaço de fumo pra ela... ela *ajudava!*” (Seu Domingo)

As narrativas apresentam a marca espaço-temporal, contextualizadas em épocas e locais conhecidos. Na história narrada por dona Raimunda sobre a Fantasma, por exemplo, o local é identificado (o Cemitério Santa Isabel, de Tucuruí), são apontadas as características da proximidade (avenida Lauro Sodré, a rampa que dá acesso ao Colégio das Irmãs, passando ao lado do Cemitério) e citado o ano com exatidão: 1974. O mesmo se dá na história sobre Dourado, com a localização da casa onde morava, dos lugares dos ataques e da época identificada.

Algumas histórias, porém, em geral aquelas que não foram testemunhadas diretamente pelo seu “narrador-protagonista”, já não apresentam essas marcas de forma nítida, demonstrando que o espaço-tempo nem sempre é valorizado durante a transmissão da história ou memorizado de maneira a permanecer vinculado a ela. Como ocorre na história que seu Domingo conta sobre o Boto e o Vendedor de Farinha. Até o nome do rapaz é esquecido, mas a ação das personagens e o maravilhoso são preservados.

Os episódios considerados heróicos exigem, na maior parte das vezes, “provas” de coragem das personagens envolvidas para enfrentar o fenômeno supra-humano. Nem sempre isto é observado nos contos aqui registrados. Mesmo assim, o narrador não relata a história com intenção de induzir a interpretação de seus ouvintes para a “fraqueza humana”, mas sim, de mostrar que o enfrentamento nem sempre é possível, já que não há equiparação de forças. Desta forma, o medo não é um sentimento banalizado, ridicularizado, mas justificado. A falta do final feliz, comum no conto de encantamento descrito por Câmara Cascudo, acaba aproximando essas narrativas da conceituação de lenda dada por ele neste item.

Seu Domingo confessou que não voltou a caçar por causa da Anhangá; Gê Campos falou de seu temor diante do poder do Boto; dona Marita não se banha no rio com pavor da Cobra Grande e procura sempre se manter afastada das águas fluviais.

“Aí eu fiquei com medo, eu fiquei... que quase... (...) Até agora eu fico com medo de ir pro mato.” (Seu Domingo)

“Quem mais tem poder de encantar é o boto e a cobra. É uma serpente, é uma parte do homem mal. Não tem aquela serpente que

induziu a mulher comer o fruto? Então! Ela é verídica.” (Gê Campos)

“Não vou na beira do rio não. Hoje mesmo doutora Ana Paula veio me convidar. O quê? Vou nada! Lá pra ilha? Vou não!” (Dona Marita)

Dona Raimunda, apesar do desmaio no primeiro encontro com o “bicho” Dourado, foi a única que afirmou ter tido disposição para enfrentar a fonte de seu medo: o sobrenatural.

“De manhã, amanheci contando lá em casa. ‘Vou dar um jeito nesse bicho, que ele tá acostumado a butar macho pra correr, mas quero ver se ele é bom mais do que e eu!’” (Dona Raimunda)

Mas ela mesma se desculpa quando é questionada a respeito da coragem para investigar se a Fantasma do Cemitério era mesmo uma alma penada ou uma brincadeira de mau gosto por parte de alguma vivente: “Sozinha!? Como vou enfrentar?”. Assim, o caráter “sagrado” também é identificado, mesmo que transfigurado, já que há um “respeito” por parte do narrador ante esses seres maravilhosos, observado nas histórias que contam sobre a gesta e a manifestação desses em contato com o humano (mortal), através de suas aparições, encanto/ desencanto, castigos e punições.

“Ninguém que nunca desencantou ela [Cobra Grande] (...). Os moradores nem pescam lá próximo, sabe? Eles não pescam não! Eles preferem pescar, assim... do lado, mas não chegam até lá pescando no local! É muito *respeitado* esse, esse lugar lá.” (Gê Campos)

“É... tem vez que ela [Anhangá] pia até na cabeça da gente! E a gente não vê. (...) Mas se ela quiser fazer malvadeza com a gente, ela faz!” (Seu Domingo)

“Passou o tempo e chegou a data que eles marcaram – sete anos. Realmente apareceu a cobra, mas ninguém teve coragem.” (Dona Marita)

“Eu só posso dizer o que pode ser: é de lá na casa, uma maldição.” (Dona Raimunda)

Cada “ente” protagoniza circunstâncias e situações diversas. As histórias se multiplicam tendo os mesmos personagens, como ocorre com o Boto, com a Cobra Grande, com a Anhangá e com o Dourado. Este último, por exemplo, assume também formas

variadas, de acordo com as narrativas e a impressão deixada em cada um. Alguns o identificam como Lobisomem, outros como Matinta Perêra, macacão, porco, peru, jumento, senhor da estrada ou simplesmente “bicho”.

A forma como os narradores apresentam estas criaturas sobrenaturais demonstra ainda que estes não são únicos exemplares da “espécie”, mas que existem outros em número considerável, podendo aparecer, encantar e assustar muitas pessoas que estiverem dentro de seus “domínios” geográficos.

“Não é só lá não [no interior]. Onde existe o Boto tá arriscado”.
(Dona Marita).

E em alguns casos, animais como o Boto e a Cobra Grande tidos como “normais” ou não-encantados, também apresentam riscos para a população:

“Ela [mãe de Gê] fala que, que esse boto mesmo, esse próprio boto que, que navega aqui, que passa, sabe? que... esse boto, né? *comum*, né? ela diz que esse boto, quando a mulher vai tomar banho, assim, pra esse rio, que tá... que tá com problema, né? (que “chega” para ela) [menstruação], aí, que o boto... o boto malina com... malina! Entendeu?” (Gê Campos)

“Diz que tem uma Cobra Grande aqui embaixo, bota muita gente pra correr (risadas). Por baixo do Mangal, perto da Pedranheira. Mas só pode ter, minha irmã. (...) Cobra mesmo, de *verdade*.”
(Dona Raimunda)

O poder destes seres, em comparação com a capacidade do homem comum, é demonstrado como algo difícil de ser equilibrado. Os melhores resultados deste encontro geralmente são descritos como a defesa de um mal maior (o encantamento, a morte, o desaparecimento do corpo), alcançado algumas vezes pela simples observação atenta (como no caso da Cobra Grande que tentou devorar alguns membros da família de Gê Campos), ou através de um dom (como a “intuição” de dona Marita, que previu os “trabalhos” feitos contra a vida da tia e do filho a tempo de serem revertidos).

Essa desigualdade, consciente para esses narradores, acaba provocando neles uma postura de conselheiros, já que possuem essas experiências e conhecimentos e se colocam como porta-vozes deste saber, advertindo principalmente as gerações mais jovens, geralmente descrentes das entidades encantadas.

“... eu brigo com meu pessoal para tomar cuidado, mas hoje em dia eles não acreditam em nada. Não acreditam em nada!” (Dona Marita)

“Que tem gente que às vez duvida das coisas, né?” (Gê Campos)

E este poder sobrenatural também está encarnado na Palavra, pronunciada pela voz do homem, mas que algumas vezes é calada pelo medo, por saber da capacidade de tornar presente aquilo que já ficou para trás, aumentando ainda mais o reconhecimento da sua força.

“Ele tinha um espírito, uma tentação... dizendo ele que foi *palavra* que a mãe disse pra ele. O Diabo só quer um pé, minha vizinha. A pessoa não tá preparada pra repreender, né? Aí, toma de conta!” (Dona Raimunda)

“Ele não quis nem me contar, ele só falou que viu muita coisa lá na frente dele, que ele ficou apavorado!” (Dona Marita)

Para se fazerem claros, muitas vezes utilizaram o recurso da transferência, colocando o próprio ouvinte no lugar do personagem, para buscar nele a concordância, sensibilizá-lo e transformá-lo em mais uma “testemunha” de suas histórias, mesmo que de forma indireta – ou ainda, chamando-lhe a atenção. Gê Campos cita muitas vezes que ouvia as histórias de seus pais e avós e, de acordo com seu relato, a preservação destas narrativas estaria assegurada já que membros de sua família, mais jovens que ele, também teriam testemunhado alguns destes fenômenos:

“Já no caso do Fernando, a gente pegava ele era só uma baba. Aquela coisa falava: ‘Se você não quer ver seu sobrinho morto, leva eu para a beira do rio’. (...) Ele não voltou mais na beira do rio, ficou com medo. Eu acho que aconteceu isso porque eles estavam malinando com os botos.” (Gê Campos)

Em cada caso se observa a mistura de estilos literários. São provérbios misturados a contos; conselhos interrompendo o fluxo da história, que é retomada em seguida e transformada em exemplo da veracidade do que está sendo dito, valorizando a recomendação, o aviso; há ainda o humor, o terror, o romance... Não se percebe uma hierarquização. A tensão foi algumas vezes amenizada com o tom de brincadeira, de uma risada, no fundo, ainda nervosa. E se os *causos* trágicos foram mais enfocados, tendo como

tema central o confronto e o contato entre humanos e sobre-humanos, provavelmente o foram por terem sido provocados.

No caso da análise das narrativas a partir da teoria da Folkcomunicação, podemos destacar que não há uma apropriação clara de elementos da cultura de massa (característica bem comum dos atuais trabalhos desta linha de pesquisa). As histórias aqui transcritas são um exemplo claro e direto de um produto folclórico, veiculado através do meio de comunicação mais popular e universal: a voz. Seus narradores estariam, aqui, atuando como líderes de opinião, expressando idéias, informando, trocando experiências, no intuito de buscar a sobrevivência do grupo e o aperfeiçoamento da sociedade através da comunicação. De outra maneira, como justificar, por exemplo, a chamada de atenção de Gê Campos, ou os conselhos de dona Marita?

Longe do acesso aos meios de comunicação de massa, os fenômenos sobrenaturais (responsáveis pelos processos de encantamento e assombração) resistem na mentalidade popular enquanto lhe for significativo, influenciando o cotidiano de um grupo *folk* que compartilha da mesma crença, que confia mais na palavra de um conhecido (líder de opinião) do que nos estudos científicos apresentados na Academia (material não “traduzido” pelo agente *folk*). E quando aqueles ganham manchetes de jornais e telas de cinema, é por seu aspecto pitoresco, pelo inusitado do tema. Talvez a literatura oral seja a que mais explicita a proximidade funcional de emissora de idéias e informações, presentes no jornalismo ortodoxo, e estudada pela folkcomunicação. Ambos fazem uso do discurso, nem sempre embasado apenas na linguagem verbal, mas também na não-verbal.

O Boto, a Cobra Grande e Anhangá, por exemplo, vão existir enquanto continuarem alicerçados no conhecimento comum, conforme Roberto Motta explica:

O conhecimento empírico ultrapassa as construções racionalizadoras. Precisamente aí se encontra a grandeza e ao mesmo tempo a maior limitação da sociologia, necessariamente inacabada (...), já que a própria vida social é inacabada, superando qualquer conhecimento estrutural. (ROCHA. In: 2004, p. 139)

Em outras palavras, as “provas” e os testemunhos multiplicadores da gesta destes entes encantados vão ser ainda, por muitos anos, responsáveis pela divulgação destas narrativas, já que de certa forma explicam acontecimentos que não encontram racionalidade em outro nível de discurso, senão no mito, como tem sido a milênios na história da

humanidade. Algumas vezes, uns mitos se servem de outros para comprovar sua “verdade”, como ocorre nesta comparação entre a Cobra Grande e a Serpente citada na Bíblia:

“Quem mais tem poder de encantar é o boto e a cobra. É uma serpente, é uma parte do homem mal. Não tem aquela serpente que induziu a mulher comer o fruto? Então! Ela é verídica”.(Gê Campos)

Considerações finais

Traçar as linhas conceituais do que hoje se afirma ser literatura oral motivou uma brevíssima viagem pelas águas amazônicas, mergulhando nos 72 mil anos da História da Humanidade. A voz, matéria-prima da mensagem comunicacional, tornou isso possível, respondendo a estes anseios através de narrativas que foram formuladas inicialmente com base no conhecimento empírico, surgindo aí o que os teóricos mais tarde chamariam de mitos, lendas e contos, entre tantos estilos, ainda presentes. E é das reminiscências e do reflexo às pressões sociais que este produto imaterial se multiplica e se atualiza constantemente.

É uma criação coletiva tornada anônima, que persiste através da oralidade, da sua exposição espontânea. É uma maneira de dizer “quem somos”, criada ainda na antiguidade e que permanece viva! E a prova está na constatação da presença de fórmulas antigas e entidades milenares do imaginário e da prática popular humana, que adapta este conhecimento à nova realidade, mesmo quando o grupo está afastado do ritmo interiorano e das rodas de conversa à beira das casas.

Resistem porque explicam, à sua maneira, fenômenos que fogem de uma racionalização imediata comprovadora – como o desaparecimento de pessoas sem qualquer vestígio, uma doença repentina, o barulho na mata ou nas ruas emitido por algo não identificado, provocando o pavor de quem ouve – reforçando a crença em entidades não-humanas, sobrenaturais, o divino ou seu oposto, deuses do bem e do mal como é o caso da Cobra Grande, do Boto e da Anhangá, ou da maldição de Dourado.

Através dessas histórias – que são tão verdadeiras aos narradores como uma reportagem que lêem, ouvem ou assistem – eles emitem idéias, sentimentos, conceitos de realidade e de valor, passando a serem vistos (e passando a se portar) como sábios e

conselheiros, pois são capazes de analisar qualquer fato e emitir opiniões com base em experiências suas e de outras pessoas.

E, para isso, fazem uso de todo repertório, onde misturam mitos, lendas, provérbios, facécias, anedotas, entre outros estilos narrativos considerados verdadeiros ou não por eles próprios, memorizados sem hierarquização e evocados ao sabor das conversas, do diálogo, dos estímulos externos e psicológicos. São “líderes de opinião”, principalmente porque fazem parte do mesmo universo de crenças de seu público, traduzindo para este a ideologia das outras classes. Mas estes “marginalizados” são “senhores” dos meios tradicionais de comunicação e gozam da grande credibilidade conquistada em sua audiência.

E o saber, seja qual for, não pode ser mensurado, contado, dimensionado, até porque é impossível que uma única pessoa conheça e entenda de tudo que existe no universo para ser visto e aprendido. Isso demonstra um forte preconceito das “elites”. É preciso que a sociedade perceba que há lugar para a coexistência das diversas formas de manifestar sua cultura, sem prejuízo para qualquer uma delas ou para o desenvolvimento social. E construir esta nova concepção de que cada uma é fundamental, já que continuam existindo neste contexto, colabora para nosso mito de liberdade: de culto, de expressão, de idéias e sentimentos, tantas vezes defendido pelos intelectuais.

Mesmo sem interesse em realizar um estudo quantitativo, foi possível reconhecer a riqueza de oralidades, tanto em assuntos como em estilos, e a potencialidade de narradores presente em grande número de pessoas. Esta constatação demonstra que ainda há muito a ser investigado, registrado e analisado, e também incentivado, promovido e reconhecido. Deixemos de lado a hipocrisia e a falsa idéia de superioridade. Mergulhemos também neste rio de sabedoria, banhando-nos na magia e no encanto amazônico.

Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004, p. 1-47, 64-72.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. Estratégias de sobrevivência das culturas regionais em face do processo de globalização. In: BREGUEZ, Sebastião (org.). *Folkcomunicação: Resistência Cultural na Sociedade Globalizada*. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

_____. *Folkcomunicação no contexto de massa*. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2000.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. 6ª ed., In Obras Escolhidas. Vol.I, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993, p. 197-221.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 11ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias*. 9ª ed., Petrópolis: Ed. Vozes, 1996, p. 63-93.

BREGUEZ, Sebastião. Comunicação, folclore e globalização. In: BREGUEZ, Sebastião (org.). *Folkcomunicação: Resistência Cultural na Sociedade Globalizada*. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

CALÇA, Renata Gobatti. Catira Paulista: os passos da tradição. In: BREGUEZ, Sebastião (org.). *Folkcomunicação: Resistência Cultural na Sociedade Globalizada*. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11ª ed., São Paulo: Global, 2001.

_____. *Seleta*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ MEC, 1972, p. 11-20, 35-38.

_____. *Literatura Oral no Brasil*. São Paulo: Ed. USP, 1984.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: Possibilidades e Procedimentos*. São Paulo: Editora Humanitas/ FFLCH/ USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000, p. 102-122.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. *Azulão do Bandepe: uma estratégia de Comunicação Organizacional*. Pernambuco: Ed. do Autor, 1998, p. 87-95.

MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas*. 5ª ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1991, p. 447-503.

MELO, José Marques de. Folkcomunicação, contribuição brasileira à Teoria da Comunicação. In: BREGUEZ, Sebastião (org.). *Folkcomunicação: Resistência Cultural na Sociedade Globalizada*. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

MONTEIRO, Walcyr. *Visagens e Assombrações de Belém*. 3ª ed., Belém: Banco da Amazônia, 2000.

PELLEGRINI FILHO, Américo. *Literatura Folclórica*. 2ª ed., São Paulo: Ed. Manole, 2000, p. 15-58 e 87-110.

RABUSKE, Edvino A. *Antropologia Filosófica: um estudo sistemático*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992, p. 119-136, 201-215.

ROCHA, José Maria Tenório. Mito, terror e realidade: o caso da Loira de Aracaju. In: BREGUEZ, Sebastião (org.). *Folkcomunicação: Resistência Cultural na Sociedade Globalizada*. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

RONDELLI, Beth. *O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão*. Rio de Janeiro, Funart/IBAC, Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1993, p. 17-46.

STUART, Hall. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997, p. 9-45 e 221-240.